

Maria Manuel Borges
Elias Sanz Casado
Coordenação



Ciência
da Informação Criadora
de Conhecimento

Vol. II

A ABORDAGEM SOCIOLOGICA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO:
UM NOVO OLHAR INVESTIGATIVO

Paula Regina Dal' Evedove

Universidade Estadual Paulista (Brasil)

Mariângela Spotti Lopes Fujita

Universidade Estadual Paulista (Brasil)

Resumo

Inscrita no paradigma da pós-modernidade, a Ciência da Informação busca uma aproximação e constituição como uma ciência social. Desse modo, sente-se à necessidade de uma maior reflexão em torno da interface existente entre a Ciência da Informação e a Sociologia com vistas ao fortalecimento de suas bases sociais, uma vez que a natureza social da área parece ainda não ter penetrado em sua essência, de tal forma que seja possível compreender plenamente o fenômeno do conhecimento. Nesse sentido, os aspectos sociológicos da Ciência da Informação e suas possíveis contribuições para o surgimento de novas formas investigativas na área são discutidos a partir de reflexões em torno da gênese e construção do conhecimento a luz da Sociologia. A partir disso, verificou-se que os fundamentos do conhecimento estabelecidos a partir da realidade cotidiana permitem reconhecê-lo como um produto social e, portanto, os fenômenos informacionais devem ser compreendidos sob a ótica social.

1. Introdução

A Sociologia, ciência que tenta explicar a vida social, nasceu de uma mudança radical da sociedade, resultando no surgimento do capitalismo. Desde então, a Sociologia contribui com a questão da informação e do conhecimento à luz das diferentes correntes de pensamento sociológico, bem como dos diversos matizes dentro dos quais ele se desenvolveu comprometido com as problemáticas erigidas da própria sociedade.

Inscrita no paradigma da pós-modernidade, a Ciência da Informação busca uma aproximação e constituição como uma ciência social. Contudo, o papel social de qualquer área do conhecimento dá-se mediante o compromisso social estabelecido entre sociedade e profissão. Desse modo, sente-se à necessidade de uma maior reflexão em torno da interface existente entre a Ciência da Informação e suas bases sociais, especificamente a partir da interdisciplinaridade da área com a Sociologia.

Nesse sentido e considerando que a interdisciplinaridade é a aproximação de distintos campos disciplinares para a solução de problemas específicos, objetiva-se discutir a natureza da Ciência da Informação enquanto uma ciência social. Para tanto, pretende-se refletir em torno dos aspectos sociológicos e de suas possíveis contribuições para o surgimento de novas formas investigativas em Ciência da Informação, a partir da interdisciplinaridade entre as referidas áreas do conhecimento e as possíveis contribuições oriundas dessa interdisciplinaridade.

Por tratar-se de um assunto bastante amplo e complexo, realizou-se uma delimitação de forma a fornecer a abordagem do conhecimento sob o prisma sociológico em Ciência da Informação. Em decorrência do grande volume de produção no campo da Sociologia e de suas respectivas especialidades ao longo dos séculos XIX e XX, no primeiro momento destacam-se os pontos relevantes e as contribuições da Sociologia preocupada com a sociedade pós-moderna e posteriormente, a interface existente entre a Sociologia e a Ciência da Informação.

Enfocando especificamente a Sociologia do Conhecimento, a análise será efetuada a partir de reflexões que discutem a gênese e a construção do conhecimento nas diferentes correntes do pensamento sociológico. Entretanto, optou-se em compreender o conhecimento sociológico, uma vez que as reflexões propiciadas pela Sociologia permanecem imbricadas na atual sociedade pós-moderna, especificamente nos estudos que visam explicar e compreender os fenômenos sociais seja na própria Sociologia ou nas outras áreas do conhecimento, dentre estas, a Ciência da Informação.

2. O surgimento da Sociologia: uma breve contextualização

A palavra sociologia significa o estudo social ou da sociedade e a tentativa de defini-la envolve um incontável número de profissionais de diversas áreas, bem como o indivíduo comum que tenta compreender o espaço em que ele vive cotidianamente. Portanto, parte-se dos subsídios presentes na Sociologia para um melhor entendimento das questões que envolvem a informação e o conhecimento na sociedade pós-moderna.

Originada no século XIX, dentro da filosofia positivista, a Sociologia nasce de uma série de mudanças radicais da sociedade, cujo seu criador foi Auguste Comte (1798-1857). O século XVIII, marcado por diversas transformações, fez com que o homem passasse a analisar a sociedade como um «objeto» de estudo.

Essa situação foi produzida pelas revoluções Industrial e Francesa, que mudaram completamente o curso que a sociedade estava tomando na época. A Revolução Industrial, por exemplo, representou a consolidação do capitalismo, uma nova forma de viver, à destruição de costumes e instituições. Essas novas existências vão, paulatinamente, modificando o pensamento moderno, o qual torna-se racional e científico, substituindo as explicações teológicas, filosóficas e de senso comum.

No contexto da Revolução Francesa, os filósofos iluministas tinham a intenção de transformar a sociedade e demonstrar a irracionalidade e as injustiças de algumas instituições, pregando a liberdade e a igualdade dos indivíduos que, na verdade, não passavam de falsos dogmas.

Alguns pensadores se posicionam contra a revolução e tentam reorganizar a sociedade: estabelecendo ordem a partir do conhecimento das leis que regem os fatos sociais. O positivismo surge e com ele, a instituição da ciência da sociedade. Tal movimento re-valorizou algumas instituições que a Revolução Francesa tentou destruir e criou uma «física social», idealizada por Comte, «pai da sociologia». Durkheim, um outro pensador positivista, tornou-se um grande teórico desta nova ciência e despendendo esforços para emancipá-la como disciplina científica.

Nesse contexto surge a Sociologia, ciência que, mesmo antes de ser considerada como tal, estimulou a reflexão da sociedade moderna colocando como «objeto de

estudo» a própria sociedade, tendo como principais articuladores Comte e Durkheim. Comte pretendia a unificação das Ciências Humanas em uma só ciência. Sua linha de pensamento, o positivismo, se baseava no afastamento radical da teologia ou metafísica da existência humana, cujas bases estão no entendimento que a vida humana passa pelas mesmas fases históricas e que a compreensão desse processo auxiliaria na resolução dos problemas sociais.

Apesar da tentativa de Comte foi somente no século XIX, com o aparecimento dos problemas sociais advindos da Revolução Francesa, que a Sociologia tomou a forma de ciência. Seu surgimento se dá a partir das discordâncias dos sociólogos clássicos às idéias da filosofia iluminista, desenvolvida para que o caos da referida Revolução se assentasse. Dentro da filosofia positivista, o filósofo francês Augusto Comte deu a ela, inicialmente, o nome de “Física Social”, nome que,

[...] não deixa de ser sugestivo [...] uma vez que ele expressa o desejo de construí-la a partir dos modelos das ciências físico-naturais. A oficialização da sociologia foi, portanto em larga medida uma criação do positivismo, e uma vez assim constituída procurará realizar a legitimação intelectual do novo regime (MARTINS, 1987, p. 32).

A filosofia social positivista se inspirava no método de investigação das ciências da natureza, assim procurava identificar na vida social as mesmas relações e princípios com os quais os cientistas explicavam a vida natural. A própria sociedade foi concebida como um organismo constituído de partes integradas e coesas que funcionavam harmonicamente, segundo o modelo físico ou mecânico.

Até a década de 30 do século XX a Sociologia estava consolidada sob diversas formas em diferentes países industrializados, sendo influenciada principalmente pelas teorias dos Estados Unidos. Após a Segunda Guerra Mundial, mais especificamente na década de 60, a Sociologia teve uma expansão significativa e se estabeleceu como ciência social acadêmica, numa escala internacional. Para Durkheim a sociologia é o estudo dos “fatos sociais”, os quais são as formas e padrões preestabelecidos de um grupo social. Para ele esses fatos, por terem características próprias, deveriam ser estudados de maneira singular.

Os cientistas acreditavam que a observação e a descrição dos fatos poderiam explicar os problemas da sociedade e, dessa forma, fornecer “antídotos” para a integração e desintegração da sociedade.

Como mencionado, foi no final deste século que a Sociologia se estabeleceu como disciplina científica por meio das obras de Max Weber (1864-1920) e Durkheim. Estes, juntamente com Karl Marx (1818-1883) foram os fundadores da disciplina em sua concepção moderna. Em comum, esses pensadores tinham uma nova e mais precisa concepção da “sociedade” como objeto de estudo, com o intuito de fornecer respostas aos problemas criados pela modernidade.

Marx pretendia analisar e propor explicações para os problemas decorrentes daquela época: desemprego, miséria, desigualdades sociais etc. Seus conceitos deram ênfase à crítica de uma dominação com base econômica, sofrendo diversas inflexões e desdobramentos. Conforme a corrente do pensamento marxista, a noção de sociedade industrial vem para o centro da reflexão sociológica justamente em decorrência do caráter tenso e contraditório da formação social.

Max Weber teve uma linha de pensamento mais aproximada de Durkheim, quando defendia a objetividade em relação ao método científico. No entanto, enquanto Durkheim se preocupava com a análise objetiva da Sociologia, Weber pretendia tomar a compreensão da ciência, sendo importante no sentido de direcionar as ciências sociais para a imparcialidade e diferenciando-a também da análise crítica de Marx.

Na perspectiva de Boudon (1995, p. 13) a Sociologia além de dedicar-se à reflexão está voltada para o pragmatismo, tentando não só entender os fenômenos, mas interferir de forma decisiva no rumo da sociedade, isto é, na busca de “soluções” para problemas sociais como a “pobreza”, delinquência, desemprego, aperfeiçoamento de métodos de negociação e de “resolução de conflitos”. Portanto, a Sociologia nasce para estudar e fornecer soluções requisitadas pela sociedade capitalista, fundamentada na razão de um conhecimento científico.

Desse modo, a Sociologia não se defronta apenas com o que vagamente se chama de “realidade”. Diversamente de outras ciências, ela lida ao mesmo tempo com as interpretações que são feitas sobre essa mesma “realidade”. Dessa maneira, o conhecimento científico da vida social não se baseia apenas no “fato”, mas na concepção do fato e na relação entre a concepção e o fato.

Assim, desde o surgimento da Sociologia debate-se sobre as tendências teóricas e as diferentes visões de mundo. Essa diversidade frutifica a própria diferenciação interna, das tensões e das contradições que determinam a formação social capitalista (FORACCHI; MARTINS, 1990).

Para Martins (1978, p. 23), o nascimento da Sociologia está diretamente relacionado à necessidade de compreender cientificamente o caráter problemático do ajustamento “anômico” da sociedade discutida na teoria de Durkheim.

Na concepção do referido autor, o modelo perfeito de sociedade na qual a coesão resulta exclusivamente das semelhanças, compõe-se de uma massa absolutamente homogênea, cujas partes não se distinguiriam umas das outras. Portanto, tem-se que os membros de uma sociedade organizada de maneira simples sejam solidários em função de terem uma esfera própria de ação - conhecimento, e ainda, pela existência de um nível bastante grande de interdependência, no tocante à sobrevivência individual.

Nessa vertente, parte-se para um entendimento efetivo do processo de construção do conhecimento a partir da concepção sociológica, uma vez que o mesmo está imbricado nas relações sociais.

2.1 O conhecimento a luz da Sociologia

Na busca de definir conhecimento, utiliza-se de uma concepção que comporta uma pluralidade de noções proposta por Morin (1999, p. 18), na qual “O conhecimento é [...] um fenômeno multidimensional, de maneira inseparável, simultaneamente físico, biológico, cerebral, mental, psicológico, cultural, social”.

A palavra conhecer aponta para a derivação do latim *cognoscere*, e conhecimento, por consequência é conhecer com o acréscimo do sufixo *mento*, que significa: ter noção, idéia, informação. Porém, deve-se refletir a respeito da palavra informação como sinônimo da palavra conhecimento. Para Machlup (1962 apud MATTELART, 2002, p. 71) linguisticamente,

[...] a diferença entre o conhecimento e a informação está essencialmente no verbo *formar*: informar é uma atividade mediante a qual o conhecimento é transmitido; *conhecer* é o resultado de ter sido informado. “Informação” como ato de informar é produzir a *state of knowing* na mente de alguém. “Informação” enquanto aquilo que é comunicado torna-se idêntico a “conhecimento” no sentido do que é conhecido. Portanto, a diferença não reside nos termos quando eles se referem *àquilo que se conhece* ou aquilo sobre o que se é informado; ela reside nos termos apenas quando eles devem se referir respectivamente ao *ato* de informar e ao *estado* do conhecimento.

A expressão “estado de conhecimento” é utilizada também por Choo (2003), sendo esta a condição de um pesquisador curioso e ávido por buscar sempre a compreensão de si e do mundo em um constante “inacabamento”. Berger e Luckmann (2000, p. 11) afirmam que conhecimento pode ser definido “[...] como a certeza de que os fenômenos são reais e possuem características específicas”.

Neste sentido, a Sociologia do Conhecimento surge como “[...] parte da sociologia cujo objetivo é o estudo das condições sociais que favorecem a produção do saber e a difusão das idéias” (BOUDON, 1995, p. 519).

O sociólogo alemão Max Scheler foi quem empregou pela primeira vez o termo Sociologia do Conhecimento, a qual é uma subdisciplina da Sociologia. Entretanto, foi o sociólogo Karl Mannheim quem popularizou seu uso ao explicar o termo conhecimento dentro da disciplina “Sociologia do Conhecimento”. O referido autor procurou delimitar o território e os temas pertinentes à nova disciplina. Contudo, Boudon (1995) aponta que todos os filósofos clássicos haviam contribuído para a “Sociologia do Conhecimento” antes mesmo que fosse cogitada.

Na introdução da obra *Ideologia e utopia* - Mannheim (1929 apud CRESPI; FORNARI, 2000, p. 118) defende que a finalidade da Sociologia do Conhecimento é estudar o pensamento concreto dos homens, procurando revelar como tal pensamento funciona na vida pública e política, ou seja, a Sociologia do Conhecimento “[...] compreende a realidade humana como uma realidade socialmente construída” (BERGER; LUCKMANN, 2000, p. 246-247).

Assim, espera-se da Sociologia geral uma postura humanista preocupada em subsidiar os indivíduos nos diferentes estratos sociais, a lidar com a complexidade do emaranhado social. Desse modo, a expectativa em relação à Sociologia do Conhecimento não poderia ser diferente, sendo a mesma uma disciplina que pode mobilizar os cidadãos interessados no alargamento das fronteiras do conhecimento e das expectativas de um mundo mais justo e igualitário sem, entretanto, deixar de respeitar o acervo cultural de cada sociedade.

Nesse sentido, “[...] as pessoas produzem um conhecimento a partir do conhecimento herdado a sua cultura, bem como as suas finalidades consideradas do ponto de vista coletivo, junto com a informação que recebem da realidade natural [...]” (CRESPI; FORNARI, 2000, p. 210).

Portanto, àqueles que, pela escolha de uma profissão optam em mediar informação têm uma responsabilidade maior do que podem imaginar e, conseqüentemente precisam ter em mente que não são isentos e imparciais como se propaga na

literatura da Ciência da Informação. Construimos nosso conhecimento influenciado pelo conhecimento dos outros e os outros influenciam na construção do nosso conhecimento.

Segundo Costa (1997), dizer que o objeto da Sociologia é a “sociedade” é dar ao cientista social um objeto sem limites preciso, amplo demais para que dele possa “dar conta”. Um fenômeno é sociológico quando sobre ele se debruça o sociólogo, tentando entendê-lo no que diz respeito às relações entre os homens e as influências sociais de seu comportamento.

Em se tratando de Ciência da Informação, os cientistas precisam se ater sobre o fenômeno da informação como objeto de investigação, levando em conta os múltiplos fatores que geraram o referido fenômeno, dentre os quais podemos citar: a história, a cultura, o comportamento do indivíduo e o conhecimento (tácito e explícito).

3. A interface entre o conhecimento sociológico e a ciência da informação

Tendo como objetivo provocar reflexões em torno da relação - Sociologia do Conhecimento e Ciência da Informação – faz-se os seguintes questionamentos: qual a importância do conhecimento Sociológico? Como poderá ser realizada a interface entre a Sociologia e a Ciência da Informação? Quais os fundamentos que justificam a construção da interface?

Considerando-se inicialmente que a Ciência da Informação apresenta-se ainda como uma “jovem” ciência, ainda existem, utilizando a linguagem da Sociologia, zonas de tensão a serem resolvidas ou pelo menos amenizadas. Este cenário justifica-se pelas divergências existentes entre os pesquisadores da área, sendo alguns dos exemplos dessa falta de consenso: definição do que é informação, do que é Ciência da Informação, do real objeto de estudo da área, entre outros.

Historicamente, os primeiros estudos em Ciência da Informação como ciência social “[...] estudam a realidade social de uma perspectiva estatística, quantitativa [e apenas] na década de 70, a ciência da informação inaugura uma discussão sobre a especificidade da ciência social [...]” (ARAÚJO, 2003, p. 05). Segundo Cardoso (1996, p. 74) “na década de setenta entra em cena um personagem que redireciona o enfoque da ciência da informação: usuário”.

A necessidade de conhecer o comportamento do usuário frente às questões informacionais leva a área a travar um diálogo efetivo com as demais ciências humanas e sociais aplicadas, as quais passam a contribuir por meio de seus métodos e práticas para a composição da Ciência da Informação – uma ciência emergente.

Neste sentido, percebe-se que a área de Ciência da Informação continua na busca de sua identidade e o principal fator que na atualidade tem exigido isso e provocado uma ânsia mais intensa de respostas para os diferentes impasses é a presença incisiva das tecnologias de informação e comunicação. Por sua vez, as tecnologias adentraram nas unidades de informação provocando mudanças nos serviços e produtos informacionais, consequentemente, contribuindo para o aumento da exclusão informacional de uma grande parcela da sociedade mundial.

Para Castells (2000b, p. 225) essa transformação social é resultado da “teoria clássica do pós-industrialismo que combinou três afirmações e previsões”:

a) a fonte de produtividade e crescimento reside na geração de conhecimentos, entendidos a todas as esferas da atividade econômica mediante o processamento da informação; b) a atividade econômica mudaria de produção de bens para prestação de serviços e c) a nova economia aumentaria a importância das profissões com grande conteúdo de informação e conhecimentos em suas atividades.

Apesar de aparentemente ser “assustadora” essa afirmação, ela deve/deveria soar como um desafio, uma possibilidade de maior abertura da área de Ciência da Informação; isso não apenas para o amadurecimento da mesma, mas para possibilitar a construção de sua identidade. Tal necessidade deve-se ao fato de que, num mundo de fluxos globais de riqueza, poder e imagens, a busca pela identidade torna-se a fonte básica de significado social. No entanto, a identidade torna-se a principal e, às vezes, única fonte de significado “[...] em um período histórico caracterizado pela ampla desestruturação das organizações, deslegitimação das instituições, enfraquecimento de importantes movimentos sociais e expressões culturais efêmeras” (CASTELLS, 2000b, p. 23).

Além disso, na essência da Ciência da Informação há um outro aspecto que a torna mais complexa, porém com uma maior possibilidade de interdisciplinaridade; é o seu envolvimento, mesmo que ainda mais teórico do que prático com áreas de cunho social, cultural e humano, entre elas: Lógica, Administração, Matemática, Biologia, Psicologia, Comunicação, Sociologia, Antropologia, Cognição, Computação, Robótica, Linguística; e toda uma série de disciplinas ligadas à construção do conhecimento e gestão da informação.

Dessa maneira, constitui-se assim sua interdisciplinaridade, “[...] característica cada vez mais presente como componente da Ciência na sociedade atual, em que a magnitude dos problemas enfrentados (ecológicos, étnicos, demográficos) está a exigir soluções inovativas e plurais”. (CARDOSO, 1996, p. 74). Entretanto, tal discurso “interdisciplinar” ou qualquer outra palavra do gênero nem sempre é colocado em prática e, portanto, há uma tendência a falta de “arejamento” de idéias, especificamente no campo investigativo da Ciência da Informação.

Sobre isto Gomes (2001, p. 04) alerta que tal característica não torna dispensável à Ciência da Informação “[...] a identificação do núcleo norteador do desenvolvimento das pesquisas no seu interior [...] determinando assim seu núcleo básico e orientador das ações investigativas, a partir do qual se torna possível o diálogo com qualquer outra disciplina”. Contudo, “[...] essa nova estrutura social está associada ao surgimento de um novo modo de desenvolvimento, o informacionalismo, historicamente moldado pela reestruturação do modo capitalista de produção, no final do século XX” (CASTELLS, 2000b, p. 32-33).

Nesta concepção, acredita-se que um dos grandes desafios da humanidade refere-se ao uso com sabedoria e profissionalismo dos recursos tecnológicos, pois independentemente de ser o movimento informacionalista um movimento “imbatível”, não se pode negar a necessidade de debates e ações para que o impacto social seja menos comprometedor, uma vez que:

[...] o fator histórico mais decisivo para a aceleração, encaminhamento e formação do paradigma da tecnologia da informação e para a indução de suas conseqüentes formas sociais foi/é o processo de reestruturação capitalista, empreendido desde os anos

80, de modo que o novo sistema econômico e tecnológico pode ser adequadamente caracterizado como capitalismo informacional (CASTELLS, 2000b, p. 36).

Considerando que a análise da Sociologia do Conhecimento preocupou-se com a análise da própria Sociologia, acredita-se que sejam imprescindíveis os seguintes questionamentos: como a Sociologia poderá contribuir com a Ciência da Informação na análise dos fenômenos informacionais? Como a Sociologia na atualidade tem realizado sua análise da sociedade e do indivíduo na sociedade contemporânea, hoje denominada de pós-moderna?

Entende-se que no conhecimento sociológico, a problemática vislumbrada pela sociedade pós-moderna em decorrência das transformações do mundo globalizado caracterizado pelo desenvolvimento tecnológico - do acesso rápido à informação em tempo real - transforma o espaço-tempo e a vida dos indivíduos e da sociedade e faz emergir no cenário de discussões sociológicas o fenômeno informacional.

De acordo com os conceitos abordados, um novo repensar reflexivo faz-se necessário, especificamente no que diz respeito à área de Ciência da Informação no Brasil. De acordo com Mostafa (1996, p. 32), “[...] muitos de nós, intelectuais da universidade, acreditam que apenas o método científico clássico da ciência é suficiente para a compreensão da realidade”.

O apego exagerado às técnicas leva aos profissionais ligados à Ciência da Informação, a trabalhar “mais e mais” e refletir menos acerca de suas ações. Desse modo, percebe-se algumas das conseqüências dessa postura, dentre essas: a não cultura de participação em eventos da área; a escassa produção científica; a ínfima venda de obras publicadas com baixa tiragem e o não envolvimento da grande maioria em projetos políticos e educacionais. Contudo, verifica-se uma transformação neste cenário, ainda que tímida, uma vez que atualmente as pesquisas da área voltam-se cada vez mais para questões imbricadas com o social.

Neste contexto, a produção científica dos sociólogos contemporâneos tais como Ianni (1997); Berger e Luckmann (2000); Castells (2000a); e Mattelart (2002) torna-se de grande valia para a contextualização das problemáticas da Ciência da Informação, em particular em torno do fenômeno informacional ao traçarem uma análise sociológica das transformações decorrentes do processo de globalização, as quais são marcadas pelo desenvolvimento tecnológico da sociedade pós-moderna.

Berger e Luckmann (2000, p. 242-245) defendem que “a redefinição dos problemas e tarefas da sociologia do conhecimento já está atrasada [e] há uma vasta área de problemas empíricos aberta para a sociologia do conhecimento”. Neste sentido, complementa-se que também para a Ciência da Informação.

Dessa forma, almeja-se que a Ciência da Informação,

[...] atinja níveis mais elevados dentro da hierarquia do campo científico e deve envidar esforços cada vez maiores no sentido de uma delimitação de métodos e atividades próprias, a fim de construir um escopo teórico consistente. Ou seja, deve estar preparada para uma luta. E como luta, pode precisar de aliados. Nesse sentido, é possível que uma aliança com a Sociologia mostre-se também produtiva (CORREA; BENAKOUCHE, 2007, p. 13).

Para tanto, defende-se que uma forma de maior solidificação conceitual da área de Ciência da Informação são os cursos de pós-graduação, existentes no Brasil desde 1970, ainda quantitativamente incipientes, os quais são responsáveis por criar oportunidades para discussões epistemológicas e propiciar conteúdos de áreas diversas que podem contribuir com ações na sociedade pós-moderna. Ressalta-se a necessidade de pesquisas que abordem à Sociologia do Conhecimento, bem como de produção científica dentro da referida área para que sejam criados fundamentos e arcabouços teóricos da Ciência da Informação, ou mesmo para complementar as atuais lacunas da área; exercitando assim a tão almejada interdisciplinaridade.

Considerações Finais

Embora sintético, a presente reflexão expõe ricos elementos em torno da Sociologia, os quais servem de ferramenta para a explicação e a compreensão do fenômeno da informação e do conhecimento na sociedade pós-moderna, como problemáticas emergentes no cenário da Ciência da Informação.

Constata-se que os fundamentos do conhecimento estabelecidos a partir da realidade cotidiana permitem reconhecê-lo como um produto social, concepção esta que carrega contradições e instiga-nos, cientistas da informação, a busca pela compreensão dos fenômenos informacionais sob a ótica social.

O entendimento desses fenômenos perpassa pela necessidade de estudar as tecnologias, visto que estas, ao mesmo tempo em que facilitam o fazer profissional, complexificam as relações sociais na medida em que torna o indivíduo homogeneizado e, conseqüentemente, alteram as estruturas sociais. Contudo, apesar do desenvolvimento tecnológico torna-se possível encontrar ainda nos dias atuais uma contradição: o excesso e a carência por informação; alguns sujeitos sofrem pela quantidade exacerbada de informação gerando ansiedade e outros que, sem ter acesso à informação, ficam alijados desse contexto.

Neste sentido, questiona-se: como fazer para que os indivíduos estejam constantemente no “estado de conhecimento?” Respostas para essa questão talvez possam ser encontradas a partir de perspectivas diferentes, no entanto, entendemos que a Ciência da Informação não pode se furtar de encontrar formas de participar desse desafio. O caminho para isso está na construção de relações interdisciplinares, multidisciplinares e transdisciplinares que analisem e discutam o fenômeno do conhecimento e criem ações concretas em diferentes espaços sociais.

A percepção de que a Ciência da Informação não se reduz aos processos meramente técnicos, mas caminha no sentido de obter maturidade científica, por meio da integração com as disciplinas ditas “fronteiriças”, nos faz acreditar que as indefinições, que ora se apresentam, só serão superadas quando houver um “montante de conhecimento” que possa subsidiar as práticas profissionais. No entanto, a natureza social da Ciência da Informação parece ainda não ter penetrado na sua essência, de tal forma que seja possível compreender plenamente o fenômeno do conhecimento.

Por conseguinte, entende-se que os pressupostos teóricos e metodológicos desenvolvidos desde o século XIX pela Sociologia têm muito a contribuir para uma melhor explicação e compreensão do fenômeno informacional na atualidade, uma

vez que a reflexão sobre a relação da Ciência da Informação com as ciências sociais é fundamental para a realização de pesquisas que efetivamente não fiquem apenas no discurso de uma mudança paradigmática, mas que venham a realizá-la.

Referências bibliográficas

- ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. A ciência da informação como ciência social. *Ciência da Informação*, Brasília, v.32, n.3, set./dez. 2003.
- BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. 19.ed. Petrópolis: Vozes, 2000.
- BOUDON, Raymond (Dir.) *Tratado de sociologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.
- CARDOSO, Ana Maria Pereira. Pós-modernidade e informação: conceitos complementares? *Perspectivas em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v.1, n.1, p. 63-79, jan./jul. 1996.
- CASTELLS, Manuel. *O Poder da identidade: a era da informação – economia, sociedade e cultura*. 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000a. v.2.
- _____. *A Sociedade em rede: a era da informação – economia, sociedade e cultura*. 3.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000b. v.1.
- CHOO, Chuan Wei. *A organização do conhecimento: como as organizações usam a informação para criar significado, construir conhecimento e tomar decisões*. São Paulo: SENAC, 2003.
- CORREA, Elisa Cristina Delfini; BENAKOUCHE, Tâmara. O processo de recuperação da informação: uma análise sociológica da Ciência da Informação e sua relação com as Ciências Cognitivas. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA, 13., Recife. *Anais Eletrônico...* Recife: Sociedade Brasileira de Sociologia, 2007. Disponível em: <www.sbsociologia.com.br>. Acesso em: 10 junho de 2008.
- COSTA, Cristina. *Sociologia: introdução à ciência da sociedade*. 2.ed. São Paulo: Moderna, 1997.
- CRESPI, Franco; FORNARI, Fabrizio. *Introdução à sociologia do conhecimento*. Bauru: EDUSC, 2000.
- FORACCHI, Marialice Mencarini; MARTINS, José de Souza (Orgs.). *Sociologia e sociedade: leituras de introdução à sociologia*. 14.ed. São Paulo: LTC, 1990.
- GOMES, Henriette Ferreira. Interdisciplinaridade e Ciência da Informação: de característica a critério delineador de seu núcleo principal. *DataGramaZero*, v.2, n.4, ago. 2001. Disponível em: < http://www.dgz.org.br/ago01/F_I_aut.htm>. Acesso em: 11 junho de 2008.
- IANNI, Octavio. *Teorias da Globalização*. 4.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.
- MARTINS, Carlos Benedito. *O Que é sociologia*. 14.ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- MARTINS, José de Souza. *Sobre o modo capitalista de pensar*. São Paulo: HUCITEC, 1978. (Coleção Ciências Sociais).
- MATTELART, Armand. *História da sociedade da informação*. São Paulo: Loyola, 2002.
- MORIN, Edgar. *O Método 3: o conhecimento do conhecimento*. Porto Alegre: Sulina, 1999.
- MOSTAFA, Solange Puntel. Filosofando sobre a área de informação. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO, 1996, Londrina. *Anais...* Londrina: UEL, 1996. p. 31-35.